

cultura e conhecimento

Gonçalves do Amaral

O Livro da Semana:

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

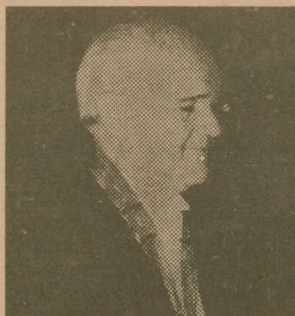
- um Historiador em Combate



No país e no exterior, JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (foto) é considerado um dos nossos maiores historiadores. O seu compromisso com as grandes causas nacionais fazem, para ele, da História uma prática social da mais alta qualidade científica. Os títulos de sua obra versam todos os períodos da história nacional, bem como não deixam de lado os seus grandes temas e problemas. Acrescenta agora a ela, o livro HISTÓRIA COMBATENTE (Nova Fronteira), obra de ação, de um historiador que mesmo tratando temática erudita, não deixa de ser o homem do seu tempo, preocupado com os problemas da sociedade brasileira. Do Socialismo aos *Brazilianists*, da Grécia aos 80 anos de Alceu Amoroso Lima, dos Gerais-Présidentes a Varnhagen, José Honório apresenta nestas páginas uma série de ensaios da maior relevância para o nosso conhecimento histórico e historiográfico, mas é também para repensarmos e agirmos sobre nossa realidade histórica.

Rangel, A Polônia e o Ciclo Longo; Darcy Ribeiro, *Nossos Latinos-Americanos*; Maria da Conceição Tavares e Aloísio Teixeira, A internacionalização do capital e as multinacionais na indústria brasileira; Miguel Arraes, Crise da Democracia e abertura no Brasil; Hélio Jaguaribe (foto), *Populismo, autoritarismo e democracia, nas presentes condições brasileiras*; Celso Furtado, *O quadro internacional*; Tristão de Athayde, *Um muro no muro*. Traz resenhas, ensaios, poesias, entrevistas, que como o leitor pode observar são assinadas pelos maiores nomes da inteligência brasileira.

Historiador de Campinas na Presidência da Academia Paulista de Letras



Acaba de ser eleito Presidente da ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, um intelectual que Campinas muito orgulha de ter entre nós: LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO (foto), professor, conferencista, escritor e historiador, cujas obras dignificam os estudos históricos brasileiros. Neste registro das Academias, cabe noticiar a eleição de WILSON BRANDÃO TOFFANO para a Presidência da Academia Campinense de Letras e PAULO PEREIRA DOS REIS para Presidente da Academia Paulista de História.

A evolução segundo a tradição esotérica



Tratando de assuntos como a Atlântida, a vida de Buda, A morte de Cambis e o Sol de Osiris, o Jesus histórico, os mistérios antigos através da vida de Cristo, o livro A EVOLUÇÃO DIVINA DA ESPINGE AO CRISTO (Ibrasa) agradará os aficionados desse gênero de leitura. O autor EDOUARD SCHURE escreveu também "Os grandes iniciados".

Memória revoltada

Um compromisso com sua terra e seu povo fazem com que MAXIMIANO CAMPOS transforme em livro suas anotações sobre o Brasil das últimas décadas, num depoimento bem escrito e debruçado sobre nossa realidade histórica: A MEMÓRIA REVOLTADA (Civilização Brasileira).

Leituras para esta Noite:

1 - JACQUELINE SUSANN: "A máquina do amor" — Ex-atriz, mulher sofisticada e familiarizada com o mundo dos bastidores do *show-busines*, JACQUELINE SUSANN (foto) escreveu um romance que explora os segredos da TV e das agências de publicidade. Personagens fortes em A MÁQUINA DO AMOR (Record).

2 - "A última corrida", de MARCOS REY — Quase 20 anos depois sai a 2ª ed. de A ÚLTIMA CORRIDA,



(Atca) um romance único em nossa literatura por tratar de corrida de cavalo. A ação que MARCOS REY (foto) sabe como poucos injetar em seus romances, compassada pela vertigem das apostas, dos cavalos disparados, dos treinos cansativos, enfim o mundo do turfe, com suas grandezas e misérias. O livro fez parte da Coleção "Autores Brasileiros" nº 80. Esse espaço entre a 1ª e a 2ª edição não envelheceu em nada o interesse do romance de MR.

NATAL/1983

Prêmio "Cidade de Lisboa":

JOSÉ SARAMAGO — literatura portuguesa

da melhor qualidade

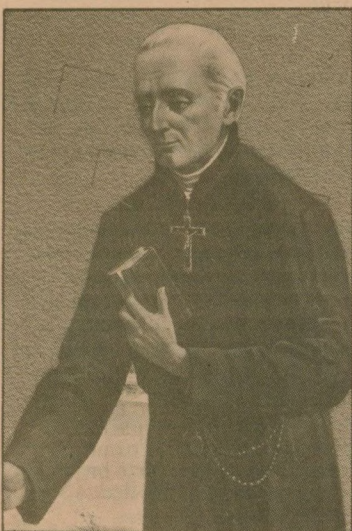
Os donos da terra e os trabalhadores da terra, no Alentejo, num confronto em que se alternam a fome e a miséria, a lenta aquisição da consciência e a repressão, num romance vigoroso — LEVANTADO DO CHÃO (Difel) — que apresenta no Brasil o que há de melhor da literatura de Portugal hoje. Nascido na aldeia de Zainhaga, em Portugal, JOSÉ SARAMAGO recebeu, por este romance, o Prêmio "Cidade de Lisboa" de 1981, sendo saudado pela crítica como um dos grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea.



Apesar de todos os maus presságios econômicos e políticos, ainda é preciso ter esperança e sonhar. Nós que temos este encontro semanal no "Domingo Cultura" — você, o leitor, e o redator, acabamos criando uma relação de hábito e amizade. Assim e por isso, agradecemos de todo o coração e retribuímos os votos de FELIZ NATAL e um ANO NOVO DE PAZ que nos foram enviados por: Laura Padilha Jurcak (DIFEL — S. Paulo), Moacyr C. Corrêa (IBRASA - S. Paulo), Bráulio Mendes Nogueira (Presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas), Prof. Arnaldo D. Contier (USP), Caio Graco Prado e Luiz Schwarcz (Brasiliense SP), Claudete M. Margarielo (Alfa-Omega - SP), Prof. Mirceo Duescu (Rio), Vate Imóveis (Campinas), Clube Fonte S. Paulo, (Campinas), Senador Aderbal Jurema (Brasília), escritor Geraldo Sesso Júnior (SP), prof. Pinto de Aguiar (Rio), Prof. Francisco Iglésias (Univ. Fed. de Minas Gerais), Prof. Jaciro Campante Patrício (UNESP-Franca), Paschoal (Sarita) Barbieri (Campinas), Haydée e Douglas Michalany (SP), Vera Helena Hoexter (ATICA - S. Paulo), Enio e Renato Guazelli (PIONEIRA-SP), Suely Santos (MELHORAMENTOS -SP), Regina Maria O. e Silva (Campinas).

Na próxima seção:

A AMÉRICA LATINA: percepções de MARI



OS JESUÍTAS

A partir da descrição da reforma religiosa, este livro conta a história da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loiola, mostrando a ação que desenvolveu no Brasil, através de nomes como Manoel da Nóbrega, José de Anchieta (foto), Azpi-cuelta Navarro e outros. Professor de História Ibérica na USP, JOSÉ CARLOS SEBE mostra o alcance social e religioso do trabalho d' OS JESUÍTAS (brasiliense - "Tudo é História").

Voltem os ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Interrompidos desde 1981 (nº 28), retornaram agora os ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, uma das mais importantes revistas de cultura que se publicou no Brasil nos últimos anos. A sua volta, tendo na direção o editor ENIO SILVEIRA e o poeta MOAÇIR FELIX deve ser saudada como um evento auspicioso neste fim de ano. Como sempre, apresenta matéria de primeira qualidade em ciências e artes. Destaques para: Edmundo Moniz, *Canudos: o suicídio literário de Vargas Llosa*; Ignácio





O Led Zeppelin no início: John Paul Jones, Robert Plant, Jimmy Page e John Bonham

O dirigível Zeppelin: vôo de reminiscências

Gai Sang

O Led Zeppelin foi sem dúvida alguma a maior banda *heavy metal* que precedeu a terceira geração do rock. Nenhum grupo foi tão *heavy*, tão dinâmico e tão visceral quanto estes bárbaros anglo-saxões cheios de vitalidades e sobrecarga sensorial.

O humor *non-sense* - influenciado pela mitologia céltica - mergulhado em sobretons enlameados e distorcidos caracterizaram o som do Zep e influenciaram grupos como *Lúcifer's Friend*, *Foreigner*, *Aerosmith* e mais recentemente Iron Maiden, Saxon, Scorpion e outras dezenas de grupos. O Zep foi uma fonte constante de inspiração e energia.

Por tudo isso e pelo desaparecimento precoce do baterista John "Bonzo" Bonham - vítima de uma *overdose* de droga - lastima-se o desaparecimento de um dos grupos mais profícuos do cenário musical contemporâneo.

Jimmy Page, 38 anos, guitarrista e líder do grupo, antes de formar o Zeppelin, andou aprontando com os *Yardbirds*, *The Who*, *Stones*, *Kinks* (na memorável "You Really Got Me") e até, é claro, com os *Beatles* em "Helter Skelter" do famigerado "álbum branco".

Cansado de ser uma espécie de músico *free-lancer*, Page convoca Robert Plant, 34 anos, vocalista; John Paul Jones, 36 anos, baixista e tecladista; e John Bonham, falecido aos 31 anos, baterista e forma o Led Zeppelin (nome dado por outra vítima de droga, o baterista Keith Moon, do *The Who*).

O sucesso foi imediato e em pouco tempo o grupo já era conhecido mundialmente. Seguiram-se nove excepcionais discos e

um filme de sua turnê Americana de 76 com algumas fantasias pessoais de cada membro do grupo.

"Coda", o 10º disco da banda, é feito de "sobras-de-estúdios", isto é, músicas que forma gravadas mas não entraram nos álbuns originais. Com exceção do belíssimo *blues* "I Can't Quit You Baby", já registrada anteriormente no primeiro disco do grupo lançado em 68, todas as outras músicas inéditas e foram gravadas no período de 69 a 78.

Este disco funciona como um inventário do rock, passando pelo puro *rhythm'n blues* na bonita canção "Darlene", pela fusão *hard-rock/pop* na "Ozone Baby" até os efeitos eletrônicos de "Bonzo's Montreux".

Não é um disco fluente visto que suas músicas foram compostas em diferentes épocas mas funciona como uma recapitulação histórica dos vários estágios por que passou a banda. Reparem, por exemplo, no belíssimo solo de Page que quase reinventa o *blues* de Willie Dixon, "I Can't Quit You Baby" ou mesmo na voz caliente de Plant que dá o tom exato acústico e folclórico em "Poor Tom".

A fúria do som mastodonte do Zep ainda é o melhor eco do que melhor se faz em *heavy-metal* na década passada.

Apesar de toda essa revolução cibernética o tempo não diluiu a mensagem de "Stairway to Heaven", a grande canção da esperança de uma geração: "...se você escutar com toda a atenção/ A canção chegará à você, afinal,/ E tudo será um e um será tudo/ E seremos uma rocha e não rolaremos...".

Com "Coda", a "canção permanece a mesma".

Dos poemas de Mahmud Darwich*

Maurício de Moraes

Olha aqui, Mahmud, todos nós somos pastores, uns de homens, outros de ovelhas, mas todos nós nos guiamos pelas estrelas e bebericamos a fonte das agonias e das festas do tempo e se algum dia o sangue aflora às nossas bocas, sentimos o peso de todos os mártires.

Não chores, Mahmud, que não são maus os judeus, nem maus são os árabes, como não somos maus nós os brasileiros. O que há é um mau pesadelo mortal sobre nossos sonhos e o mundo agoniza sem Deus. Este mundo que mata os pássaros, esmaga as rosas, silencia os poetas, martiriza as crianças

Al Barward é como Ouro Fino: há velhos nos jardins, meninos nos campos e noivas em esperanças, Mahmud, meu irmão. Por isso, segue-me. Que fazes do teu *kuffiat*? Que faço de meu chapéu?

Por que não os tiramos para saudar a primavera? Quem sabe além do Jordão ou do São Francisco, a tácita primavera nos acene um dia de paz e todos nós de mãos dadas nos ergueremos a cantar como os galos na madrugada, para receber o sol que anuncia a branca flor da vida. Oh, Mahmud, meu irmão!

* Mahmud Darwich é um dos participantes da antologia *Poesia Palestina de Combate*.

dito e feito

"Só posso dizer que dos livros lidos por mim neste ano, o que me deixou impressão mais deliciosa foi o de Marco Aurélio Matos, "As Magnólias do Paraíso". Como defini-lo? misto de erudição e fantasia, sutil, gracioso, perturbador, lembra esses licores finos que muito depois de sorvidos continuam sugerindo paraísos artificiais ao amador delicado. No caso um paraíso com magnólias. A história do caracol que apareceu na festa de reencontro dos colegas de faculdade é primor literário. O discreto Marco Aurélio fez o maior gol do ano - e ninguém viu".

Não resisti à tentação de transcrever a opinião acima, não apenas por coincidir integralmente com a minha, mas porque ela é nada menos que de Carlos Drummond de Andrade. Enfim surge alguém além de mim para proclamar a importância desse livro, e logo quem: não me dou por suspeito pelo fato de ser grande amigo do autor: a crítica especializada, que deveria se manifestar, até agora vem mantendo uma atitude que faz lembrar a sopa de tartaruga na cidade em que ele nasceu.

Tomei conhecimento da existência dessa sopa numa noite em que procurava pelos bares e boates do Rio alguém que me era imprescindível encontrar. Para-va o carro, descia, entrava, dava uma espiada, tornava a sair. Não revelei as razões de coração daquele meu comportamento ao Marco Aurélio, que me acompanhava a contragosto: tal romaria apressada pela vida noturna do Rio não era o que se poderia chamar propriamente de distração.

— Isso está parecendo sopa de tartaruga em minha terra - resmungou.

Como eu não entendesse o sentido da estranha comparação, ele contou que na cidade mineira onde nasceu, havia um restaurante cuja maior atração era a sopa de tartaruga. Tinha fama de ser deliciosa, mas, na realidade, os que a haviam provado afirmavam que o gosto de tartaruga ficava por conta exclusivamente da imaginação do freguês. E revelavam que o dono do restaurante mandara vir do Amazonas havia tempos uma grande tartaruga, que mantinha, viva, pendente de um elástico no teto da cozinha. Era só um freguês encomendar a sopa, e o cozinheiro se limitava a mergulhá-la rapidamente no prato, dando-lhe um banho de água quente.

O pequeno poeta, santificado pela cruz que carregava por este mundo de Deus, de vez em quando apelava para o grande romancista, pedindo-lhe uns trocados. E anotava cuidadosamente numa caderneta:

— Já lhe estou devendo setecentos e cinquenta cruzeiros.

— Qual o quê, você não está me devendo nada — se escusava generosamente o grande romancista.

O pequeno poeta insistia, muito digno: — Devo, não nego. Pagarei quando puder.

Até que um dia apareceu com uma novidade:

— Uma notícia boa — anunciou, todo alegre: — nasceu o meu primeiro filho.

O grande romancista, que nem sabia ser ele casado, abraçou-o com efusão:

— Meus parabéns? como é que vai se charmar?

E como o pequeno poeta, ao longo da conversa, voltasse a falar no dinheirinho que ele devia, o grande romancista acabou com a dívida ali mesmo:

— Olha aqui, me faz um favor. Você não precisa me pagar. Faz o seguinte:

pega esse dinheiro e compra com ele um presentinho meu para o seu filho, está bem?

O pequeno poeta o olhou, encabulado: — Bem, sendo assim eu aceito.

Tirou do bolso o caderninho e a caneta e perguntou, ainda, para confirmar:

— Quer dizer que eu não lhe devo mais nada?

— Mais nada.

Então ele riscou com uma cruz o que devia ao outro, guardou o caderninho e pediu:

— Neste caso, será que você pode me emprestar quinhentos cruzeiros? Justificou-se com sorriso tímido: — Para comprar o presentinho...

Esta outra conta que em tempos de dinheiro curto, costuma se distrair com tudo quanto é diversão gratuita que lhe aparece. E sempre aparece. Ainda há pouco tempo, por exemplo, descobriu que a Escola Nacional de Música promove regularmente espetáculos com entrada franca. Na primeira oportunidade, lá estava ela, na segunda fila de uma platéia repleta, assistindo a nada menos que uma opereta.

Muito mais extraordinário do que se passava no palco, todavia, era o espectador que tinha a seu lado. Ao observá-lo, não pode conter um movimento de surpresa e perplexidade: era um homem completamente esmulambado, cabelos em desalinho, barba emaranhada e suja - em suma, um mendigo.

Ao terminar o espetáculo, vendo que ele aplaudia como os demais, procurou puxar conversa, mas o homem não lhe deu muita confiança: pediu licença e se foi com seus andrajos.

Intrigada, à saída ela comentou com uma antiga frequentadora aquela presença surpreendente numa sala de espetáculos. Mas a outra não parecia surpresa e perplexidade: era um homem completamente esmulambado, cabelos em desalinho, barba emaranhada e suja - em suma, um mendigo.

Estranhos tempos, estes que estamos vivendo. Sentado na cadeira do barbeiro, vejo pelo espelho um bom crioulo de conversa com a manicure, enquanto varre o salão. E prefiro fingir que não ouço o comentário que ele faz, não sei a que propósito:

— A comida da décima-terceira é muito melhor que a da décima quarta, podes crer.

Fernando Sabino